

História ambiental e a paisagem

Environmental history and the landscape

Dora Shellard Corrêa

Centro Universitário da FIEO (UNIFIEO)
Av. Santa Lúcia, n. 25
06355-450 Carapicuíba, SP, Brasil
dshellard@unifieo.br

Recebido: 18 de março de 2012
Aprovado: 24 de setembro de 2012

Resumo

Paisagem é um tema que vem crescendo consideravelmente em variados campos historiográficos no novo milênio. Descrever e investigar paisagens pretéritas são os objetivos mais comuns das pesquisas em história ambiental, a ponto de confundi-la com outra nova especialidade, a história da paisagem. Entretanto, apesar da copiosa produção, poucos historiadores têm refletido sobre a ideia de paisagem e a diversidade conceitual das abordagens propostas. Neste artigo, apresento uma discussão prospectiva da noção de paisagem entre os historiadores ambientais latino-americanos, aprofundando-me mais nos estudos de brasileiros. Meu objetivo é chegar a uma síntese possível dos enfoques adotados, visando à orientação de estudos sobre a temática.

Palavras chave

historiografia; história ambiental; paisagem

Abstract

Landscape is a theme that has been growing considerably in varied fields of historiography in the new millennium. Describe and investigate preterit landscapes are some of the most common goals of environmental history, to the point of confusing it with another new specialty, landscape history. However, despite the copious production few historians have pondered the idea of landscape and the diversity of conceptual approaches. This article presents a prospective discussion about the notion of landscape between Latin American environmental historians, deepening more in Brazilian studies. My goal is to get a possible synthesis of the approaches adopted, aimed at guidance of studies on the subject.

Keywords

historiography; environmental history; landscape

Um dos caminhos para investigar a relação das sociedades com a terra ao longo do tempo tem sido descrever paisagens pretéritas, provisoriamente aqui propostas como o espaço físico percebido pelos olhos e representado seja em documentos escritos, pinturas, mapas ou fotografias. Porém, quando se observam as publicações dos últimos dez anos da História e também da Geografia, Antropologia e Arquitetura sobre essa temática, ficamos totalmente atordoados tal a diversidade de enfoques e de testemunhos investigados. São analisados documentos escritos, fotografias, romances e pinturas que retratam florestas, campos, cidades e praias, bem como se investiga as próprias árvores, as relvas, as ruas, as areias. Uma das poucas afirmações que se pode fazer é que são inúmeras as noções de paisagem hoje empregadas e que a elaboração de uma síntese só pode ser provisória.

Atualmente a história ambiental e a história cultural têm tratado particularmente a paisagem como um tema. As histórias econômicas e rurais, campos historiográficos mais antigos, em geral, descreveram e descrevem paisagens, mas em muitos trabalhos a história da paisagem se confunde com a história ambiental. Essas divisões de especialidades acadêmicas são um tanto quanto arbitrárias uma vez que inúmeros estudos podem ser definidos como culturais, econômicos e ambientais. Contudo, os historiadores têm se autodenominado de alguma forma e, num levantamento superficial, parece que historiadores quer culturais quer ambientais partem de noções antagônicas de paisagem.

Na sua grande maioria, os historiadores ambientais estão engajados em assuntos destacados internacionalmente sobre a relação das sociedades com a natureza. Alguns, com um claro projeto de conhecimento e de intervenção sobre o território, buscam, pela noção de paisagem, “extrair formas de organização do espaço, estruturas, fluxos, tensões, direções, limites, centralidades e periferias”.¹

Aqueles que se definem como historiadores culturais, em boa parte, têm se debruçado sobre a percepção do espaço físico. Estão atentos ao que pintores, jesuítas, cronistas, cientistas, literatos falaram através das paisagens que pintaram e da natureza que retrataram.

Em um primeiro exame da produção existente, pode-se acreditar que a história ambiental esteja mais próxima da história econômica na sua atenção às materialidades. Talvez porque tenha sido ela,

¹ BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.65.

história econômica, pelo menos no caso do Brasil, que forneceu nossos primeiros modelos de enfoque do meio ambiente; talvez porque, como aqueles historiadores, somos chamados a participar de projetos de planejamento e a instruir políticas públicas. Contudo, analisando a produção da última década, constata-se o crescente diálogo entre a história ambiental e a história cultural.

A história ambiental latino-americana reproduz as tensões existentes hoje dentro da historiografia em geral, a saber: se a história é discurso ou acontecimento; em que grau as mediações entre o historiador e a realidade retratada no documento são deformadoras; sobre a relação existente entre a cultura e a natureza, entre outras polêmicas. Entretanto, como os historiadores econômicos, os ambientais não têm se questionado sobre a pertinência de avançar além do espaço físico percebido e a necessidade de buscar o material, as externalidades. Mesmo nas pesquisas que se debruçam sobre as representações e significados de uma dada paisagem, está claro o pressuposto de que há um real concreto, que é deformado ou conformado, presente na imagem. Prevalece a ideia afirmada na frase de Terry Eagleton: “A natureza não é apenas argila nas mãos da cultura”.²

Neste artigo, discuto o uso da noção de paisagem na história ambiental latino-americana e, dentro desta, atendo-me mais ao caso brasileiro. O objetivo não é chegar a uma conceituação. Essa foi a minha direção quando iniciei este estudo. Contudo, ao avançar na leitura dos artigos selecionados, confrontei-me, por um lado, com uma quantidade muito diversificada de enfoques, todos partindo da ideia de que paisagem é uma percepção visual do espaço físico ou é a própria concretude visualizada ou, ainda, os dois. Dentro de cada um desses polos, reconheci inúmeras possibilidades. Como outros autores,³ defendo a ideia de que o mais interessante hoje é esclarecer essas diferentes noções e o modo como são utilizadas. Por outro lado, constatei que injustificadamente se tem polemizado sobre paisagem como uma categoria científica, sem que se reflita sobre como ela nos chega: diretamente pelos nossos próprios olhos ou, indiretamente, pelo olhar de outra pessoa. Portanto, investigamos paisagens que, não

² EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005, p. 143.

³ BLANC-POMARD, Chantal; RAISON, Jean-Pierre. 'Paisagem' in: *Enciclopedia Einaudi. Região*, v. 8. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986; MUIR, Richard. *Approaches to landscape*. London: Macmillan, 1999.

raro, são essencialmente diversificadas. Uma parte dessa fertilidade na conceituação de paisagem resulta justamente do fato de se estar investigando objetos diversos, o que se percebe diretamente ou por meio de sua representação.

Como um campo que se propõe multidisciplinar, a história ambiental tem sido estudada por cientistas de várias áreas, especialmente historiadores e geógrafos, profissionais que partem de metodologias diferentes para trabalhar com suas fontes. Além disso, estas, muitas vezes, são diversas quanto à sua substancialidade. Deve-se atentar também para a fonte de pesquisa quando se reflete sobre a noção de paisagem.

Neste artigo irei argumentar sobre a noção de paisagem no trabalho historiográfico. Parto do atual momento em que se observa o revigoramento dos estudos sobre paisagem no Brasil e no exterior, impulsionados pela proeminência que se tem dado à questão ambiental. Abordo como a historiografia brasileira tratou o tema na primeira parte do século XX, numa tentativa de recuperar as “origens” brasileiras, para então entrar nas abordagens e noções de paisagem trabalhadas pela história ambiental latino-americana em geral e brasileira em particular.

O meu objetivo é subsidiar investigações que tenham como preocupação paisagens pretéritas, particularmente, aqueles estudos que se utilizam de fontes escritas anteriores ao século XIX, quando paisagem não era pensada como uma categoria científica.

Examinei artigos e livros latino-americanos identificados como história ambiental e publicados a partir da segunda metade da década de 1990. Busquei seus pontos de divergência e de diálogo. Investiguei aqueles estudos inseridos nas principais revistas de história brasileiras, artigos em revistas latino-americanas acessíveis, bem como livros de historiadores que se autodenominam “historiadores ambientais” e que têm sido citados como tais. Mas, fundamentalmente, busquei pesquisas de historiadores ambientais que têm frequentado os simpósios da SOLCHA – Sociedade Latinoamericana y Caribeña de História Ambiental e os simpósios temáticos relacionados à História Ambiental da ANPUH – Associação Nacional de História (Brasil). De 26 pesquisadores analisados em 30 textos entre artigos

acadêmicos e livros⁴ selecionei alguns que cito aqui como exemplos dos vários enfoques encontrados. Com base na pesquisa realizada, apresento um panorama que sintetiza a forma pela qual temos definido e trabalhado com a noção de paisagem.

Cabe esclarecer que não entraram em minha lista os historiadores ambientais latino-americanistas, em sua maioria norte-americanos. Estes estão ligados a outra tradição historiográfica e

⁴ ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões*. Bauru: Edusc, 2000; _____ 'Fotografias de cidades de fronteira a vitória sobre a natureza' in ARRUDA, Gilmar; TORRES, David; ZUPPA, Graciela (Orgs.). *Natureza na America: apropriações e representações*. Londrina: Eduel, 2001, p.193-216; CARVALHO, Ely Bergo e NODARI, Eunice Sueli. 'A percepção na transformação da paisagem: os agricultores no desflorestamento de Engenheiro Beltrão – Paraná, 1948-1970'. *História*. São Paulo, 26 (2), 2007, p. 262-287; CESCO Susana. 'Um embate entre o progresso e transformação ambiental no alto vale do rio do Peixe'. *Revista Esboços*. Florianópolis, 11 (12), 2004, p. 209-218; DRUMMOND, José Augusto. 'O jardim dentro da máquina. Breve História ambiental da Floresta da Tijuca'. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1 (2), 1988, p.276-298; _____ 'A História ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa'. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 4 (8), 1991, p. 177-197; DUARTE, Regina Horta. 'À sombra dos ficus: cidade e natureza em Belo Horizonte'. *Ambiente e sociedade*, Campinas, 10 (2), 2007, p. 25-44; ESPINDOLA, Haruf Salmen. *Sertão do rio Doce*. Governador Valadares: Univale; Aimorés: Instituto Terra; Bauru: Edusc, 2005; FREITAS, Inês Aguiar. 'História Ambiental e Geografia: natureza e cultura em interconexão'. *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, 2 (17), 2007, p. 20-33.; GAYAN, Pablo Camus. 'Los bosques y la minería del Norte Chico, s. XIX. Um mito em la representación del paisaje chileno'. *História*. Santiago. (On line) 2004, II (37), p. 289-310.; GONZÁLEZ, Juan Manuel. 'Una aproximación al estudio de la transformación ecológica del paisaje rural colombiano 1850-1990' in PALÁCIO, German (ed.). *Ensayos de Historia Ambiental de Colombia 1850-1995*. Colombia: Universidad Nacional de Colombia; Unibiblos, 2001, p. 75-115; CASTRO HERRERA, Guilherme. 'On cattle and ships: culture, history and sustainable development in Panama'. *Environment and History*. Cambridge, n. 7, 2001, p. 201-217; LEÓN, Claudia Leal. 'Un puerto en la selva. Naturaleza y raza en la creación de la ciudad de Tumaco, 1860-1940'. *História Crítica*. Bogotá, n. 30, 2005, p. 39-65; LEONÍDIO, Adalmir. 'Memórias em movimento: relatos de viagem e evolução da paisagem agrária na província de São Paulo (Brasil, século XIX)' in *XXIX Encontro da Associação Portuguesa de História Econômica e Social. Memória social, Patrimônios e identidades*. Porto: Universidade do Porto, 2009. p. 1-22. Disponível em: http://web.letras.up.pt/aphes29/data/4th/AdalmirLeonidio_Texto.pdf Acessado em 15 de julho de 2012; LOSADA, Janaína Zito. 'Discursos de natureza: a produção da história oitocentista no IHGB'. *História e Memória*. São Paulo, 7 (1), 2011, p. 118-133; MARTINS, Eduardo Vieira. 'Lugar comum: a descrição da natureza em José de Alencar' in ARRUDA; TORRES e ZUPPA (Orgs.), *Natureza na America*, p. 97-117; MARTINS, Marcos Lobato. 'O Jequitinhonha dos viajantes, séculos XIX e XX. Olhares diversos sobre as relações sociedade-natureza no nordeste mineiro'. *Varia História*. Belo Horizonte, v. 24, n. 40, p. 707-728, 2008; MARTINEZ, Paulo Henrique. *História ambiental no Brasil*. Pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006; MONZOTE, Reinaldo. 'Funes. Azúcar, deflorestación y paisajes agroindustriales em Cuba, 1815-1926'. *Varia Historia*. Belo Horizonte, n. 33, 2005, p. 105-128; _____ *De los bosques a los canaverales*. Uma história ambiental de Cuba 1492-1926. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008; MOTTER, Adriana Fatima; FIGUEIREDO, Adriano Severo. 'Um olhar sobre o processo de transformação da paisagem na bacia do rio Santa Rosa (NW do Rio Grande do Sul), de 1915 até os dias atuais'. *Geografia: Ensino e pesquisa*. Santa Maria, 14 (1), 2010, p. 1-8; OLIVEIRA, Rogério Ribeiro; ENGERMANN, Carlos. 'História da paisagem e paisagem sem história: a presença humana na floresta Atlântica do sudeste brasileiro'. *Revista Esboços*. Florianópolis, 18 (25), 2011, p. 5-31; OLIVEIRA, Rogério Ribeiro; MONTEZUMA, Rita de Cássia Martins. 'História ambiental e ecologia da paisagem'. *Mercator*. Revista de Geografia da UFC. Fortaleza, 9 (19), 2010, p. 117-128; PÁDUA, José Augusto. 'Natureza e projeto nacional. As origens da ecologia política no Brasil' in _____ (Org.). *Ecologia e política no Brasil*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; IUPERJ, 1992. p 11- 62; _____ *Um sopro de destruição. Pensamento política e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002; PALACIO, Germán. 'História tropical: a reconsiderar las nociones de espacio, tiempo y ciencia' in PALACIO, Germán y ULLOA, Astrid (Eds.). *Repensando la naturaleza. Encuentros y desencuentros disciplinarios em torno a lo ambiental*. Colombia:Universidad Nacional de Colombia-Sede Leticia; Instituto Amazónico de Investigaciones Imani; Instituto Colombiano de Antropología e Historia; Colciencias, 2002, p. 67-97;SERJE, Marguerite. 'Ciência, estética y cultura em la naturaleza moderna' in PALACIO y ULLOA, *Repensando la naturaleza*. p.175-191; SOLORZANO, Alexandre; OLIVEIRA Rogerio Ribeiro de; GUEDES-BRUNI, Rejan Rodrigues. 'Geografia, História e Ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem'. *Ambiente e Sociedade*. Campinas, XII (1), 2009, p. 211-222; URQUIJO TORRES, Pedro S.; BARRERA BASSOLS, Narciso. 'Historia y paisaje. Explorando um concepto geográfico monista. Andamios'. *Revista de Investigación Social*. Ciudad de México, 5 (10), 2009, p. 227-252; ZUPPA, Graciela. 'Construcciones y representaciones en los nuevos escenarios de la naturaleza costera: Mar Del Plata Norte em sus orígenes' in ARRUDA; TORRES e ZUPPA, *Natureza na America Latina*, p. 65-95.

inseridos num contexto social, político, econômico e cultural diverso dos países latino-americanos. Embora não se possa afirmar que a escrita da História nesses países de colonização espanhola e portuguesa seja a mesma, a nossa forma de inserção na economia global, as nossas origens culturais, a forte influência da tradição historiográfica francesa e um diálogo acadêmico - ainda que maior entre os países de língua espanhola - nos aproximam. O maior detalhamento do caso brasileiro, longe da pretensão de sintetizar um processo continental, busca ilustrar uma das trajetórias que resultou no quadro latino-americano apresentado.

A atenção dada ao espaço geográfico e à sua descrição foi comum na historiografia brasileira até a metade do século XX. O historiador esboçou paisagens como apoio ao seu relato. Espacializou as estruturas sociais e econômicas e as fez parecer menos abstratas. Colocou num cenário visualizado - numa mata, numa cidade - os acontecimentos narrados. Mas evitou a discussão conceitual. Deixou a ideia de paisagem subtendida e avançou para o estudo empírico. Hoje, esse retorno às paisagens e ao espaço físico é diferente uma vez que eles são os objetos centrais das investigações e não mais complementares.

Esse não é um fenômeno particular da História. Na Geografia, tem havido um ressurgimento da discussão sobre o conceito de paisagem, uma categoria analítica que foi central nos estudos geográficos, mas abandonada por volta da década de 60 dada à sua imprecisão e ambiguidade. Confunde-se com outros conceitos como região e área e refere-se à superfície da terra, ou parte dela, assim como à sua percepção e representação.⁵

Essa atenção dada à paisagem e a assuntos que hoje se confundem como *natureza, espaço, território e meio ambiente* acontece num contexto histórico em que a preservação do planeta, de seus recursos e de suas paisagens “significativas” são parte de uma agenda global que encobre e descobre realidades.⁶

⁵ MUIR, *Approaches*, 1999.

⁶ COUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Nas duas últimas décadas, assistimos aos organismos multilaterais, especialmente a ONU, coordenarem uma série de conferências, com técnicos e cientistas: cursos, publicações, criação de efemérides como o *ano da água*, *a década da água*, *o ano da biodiversidade*, *o ano das florestas*. Há um esforço enorme sendo feito para estabelecer parâmetros globais, discutir políticas locais, estratégias e metodologias de planejamento. A tecnologia, por seu lado, tem dado um poder muito grande a esses agentes que, mesmo não objetivando diretamente a homogeneização de noções, acabam promovendo-a. Ao mesmo tempo em que esse processo uniformizador acontece, entretanto, intelectuais criticam esse movimento e evidenciam a disputa de várias concepções de paisagem em particular.⁷

Mas se esse *boom* sobre o tema *paisagem* tem aspectos positivos, pois o mercado editorial e as revistas acadêmicas têm publicado uma rica e interessante variedade de estudos, apresenta também um viés negativo. Tal é a quantidade de abordagens e tão díspares são elas e as definições de paisagem, que desenvolver um trabalho de síntese é semelhante a entrar num labirinto. Richard Muir publicou, em 1999, *Approaches to landscape*. Ali afirma que o crescimento da produção sobre o tema aconteceu como o desenvolvimento de uma árvore em que os galhos nascem de um tronco central e, desses galhos, saem outros galhos menores e depois outros e assim por diante. Constatou que poucos pesquisadores estão familiarizados com os conceitos anteriormente formulados e, portanto, com as bases de suas teorias. Assim, esses galhos estão nascendo à parte uns dos outros. Muir não propõe, contudo, a adoção de um conceito único. Sugere que seria mais enriquecedor se essa copiosa produção dialogasse entre si e investigasse suas raízes.

Como foi apontado, as descrições do espaço físico onde se dá a produção, onde fatos e processos acontecem estão longe de serem inéditas na historiografia brasileira. Da segunda metade do século XIX à metade do século XX, as narrativas sobre a vegetação, o relevo, o clima e os acidentes geográficos assim como as descrições de vistas panorâmicas ou parciais integraram os relatos historiográficos. Em geral, eram apresentados como aspectos a-históricos, cenários de fundo que

⁷ BENDER, Barbara; WINER, Margot (Ed.). *Contested landscapes. Movement, exile and place*. Oxford: Berg, 2001; COUQUELIN, *A invenção da paisagem*.

introduziam as obras (por exemplo, é o que se encontra em: Adolfo Varnhagen,⁸ Capistrano de Abreu⁹ e Caio Prado Júnior¹⁰) ou, menos comum, como quadros naturais transformados pela ação do homem e da própria natureza narrados de forma integrada à trama (por exemplo: Sérgio Buarque de Holanda¹¹).

Essa historiografia da primeira metade do século XX estava, em parte, atrelada à visão desenvolvida pela Geografia da época, que concebia *paisagem* como o real, concreto, visualizado, passível de ser acessado objetivamente por meio de método científico. Como foi indicado, a exceção foi Sérgio Buarque de Holanda. Este, já no final dos anos 50, nos revelava como a tradição, que autorizava os delírios da imaginação, aliada a interesses presentes, interferia na seleção e organização dos temas que deram forma às descrições do Brasil nos três primeiros séculos da colonização.

Após meados do século XX, o relato historiográfico se prendeu mais ao estudo das estruturas e relações sociais e econômicas.¹² As abordagens que investigavam e descreviam as formas de apropriação e exploração dos recursos naturais permaneceram, ainda que com *Visão do Paraíso*, argumentasse que os cenários naturais sugeridos pela documentação histórica continham mais informações do que apenas o visualizado, os historiadores continuaram a analisar as paisagens retratadas como expressão do real.

Dessa forma, a historiografia da primeira metade do século XX não se constituiu em modelo para a produção recente da História cultural feita no Brasil. Esta, além de ter como objeto de estudo as representações que determinam o que é visualizado parte, em alguns casos, de concepção antagônica sobre as possibilidades de se chegar ao real concreto enxergado, desconfia da existência de uma exterioridade ao percebido e representado no documento.

Seja um Adolfo Varnhagen, um Capistrano de Abreu ou um Caio Prado Júnior, que, entre 1850 e 1950, descreveram suas paisagens ou elementos do meio físico a partir de estudos da Geografia

⁸ VARNHAGEM, Francisco Adolfo. *História geral do Brasil*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962, t.1.

⁹ ABREU, Capistrano. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988; _____. *Capítulos de História colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

¹⁰ PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

¹¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. 2. ed. Atual. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976; _____. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994; _____. *Visão do Paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992; _____. *O extremo oeste*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

¹² DEAN, Warren. *A ferro e fogo*. História e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Cia Letras, 1977.

coetânea ou do senso comum; seja ainda Sérgio Buarque de Holanda, que considerava as mediações entre o testemunho e o visualizado, havia, no caso de todos esses intelectuais, algo além da representação. Assim, mesmo aqueles historiadores culturais que têm *Visão do Paraíso* como modelo, distanciam-se de seu autor quando desprezam o que é percebido.

Mas, se os historiadores culturais se afastam, muitos historiadores econômicos e ambientais aproximam-se daqueles modelos. A História ambiental é muito recente. Em 1991, no seu artigo introdutório sobre essa especialidade no Brasil, *A História ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa*, José Augusto Drummond afirmava desconhecer qualquer acadêmico brasileiro que se declarasse historiador ambiental e indicava uma série de intelectuais da passagem e início do século XX “sensíveis às relações históricas entre sociedade e meio natural”.¹³ Fato é que, ao final dos anos 90, quando a História ambiental começa a se desenvolver no Brasil, os historiadores que se envolveram nessa especialidade buscaram, num primeiro momento, suporte naqueles intelectuais referenciados por Drummond.

A influência desse artigo foi muito grande, assim como o publicado por Donald Worster¹⁴ no mesmo número da revista *Estudos Históricos*. Esse historiador norte-americano desconsidera as mediações entre o homem e a natureza, afirmando que o propósito dessa nova especialidade da História é chegar à realidade concreta, factual:

“Agora chega um novo grupo de reformadores, os historiadores ambientais, que insistem em dizer que temos de ir ainda mais fundo, até encontrarmos a própria terra, entendida como agente de uma presença histórica (...) Chegou a hora de comprarmos um par de sapatos resistentes para caminhadas, e não poderemos evitar sujá-los com a lama dos caminhos”.¹⁵

A História, seja econômica, ambiental ou cultural, não tem produzido uma discussão teórica própria sobre a ideia de paisagem. Contudo, parece haver uma oposição entre esses campos historiográficos quanto ao uso dessa categoria científica. Enquanto os historiadores culturais a

¹³ DRUMMOND, *A História ambiental*, p. 192.

¹⁴ WORSTER, Donald. ‘Para fazer História ambiental’. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

¹⁵ *Ibid.*, p. 198-199.

consideram como uma percepção, e alguns dentro desse grupo sugerem a irrelevância da realidade material percebida, acredita-se¹⁶ que os historiadores econômicos e ambientais a tratem como uma materialidade objetiva. Ledo engano: há um diálogo entre essas áreas na América Latina.

Segundo Francisco Carlos Teixeira da Silva, a História da paisagem, que se confunde com História ambiental, nasce seguindo os passos da História agrária e História econômica. Investiga a apropriação, produção e exploração dos recursos naturais em seus aspectos visuais e materiais. Tanto ele quanto o historiador norte-americano Mark Carey, no artigo *Latin American environmental history: currents trends, interdisciplinary insights, and future directions*, publicado em 2009, tratam a História ambiental e a abordagem da paisagem feita no Brasil e na América Latina, reduzindo-a a uma visão materialista do mundo. Nem todas as primeiras publicações de latino-americanos em História ambiental tinham um enfoque materialista.¹⁷ Muito menos o que tem sido publicado na última década autoriza essa afirmação. A importância de historiadores norte-americanos como Donald Worster, Richard Grove e Warren Dean, bases para uma abordagem do ambiente enquanto materialidade, continuam fundamentais. Contudo, também são referenciados os historiadores Simon Schama e Keith Thomas, o crítico Raymond Williams e o geógrafo Denis Cosgrove, ligados aos estudos culturais nos Estados Unidos e na Inglaterra e que enfocam a ideia de paisagem enquanto cultural e socialmente construída. Cabe repetir a constatação de Nancy Stepan:

“Essa ideia de que nossa visão do mundo natural é sempre historicamente constituída por interação perceptiva e material, então a nossa compreensão dele é sempre uma forma de conhecimento social é um clichê hoje em dia”.¹⁸

São raros os trabalhos dentro da História ambiental brasileira e latino-americana que se debruçam, particularmente, sobre uma discussão da paisagem enquanto uma categoria científica. Entre

¹⁶ Mark Carey critica os historiadores ambientais latino-americanos por dialogarem muito pouco com a história cultural. Ver: CAREY, Mark. 'Latin American environmental history: current trends, interdisciplinary insights, and future directions'. *Environmental History*. Durham, 14 (2), p. 253, 2009.

¹⁷ Estou considerando como algumas das primeiras obras brasileiras o livro *A extinção do arco-íris. Ecologia e história* de Jozimar Paes de Almeida, publicado em 1988; o artigo de José Augusto Pádua *Natureza e projeto nacional. As origens da ecologia política no Brasil*, de 1987; os artigos de José Augusto Drummond *O jardim dentro da máquina*, de 1988 e *A história ambiental*, de 1991. O artigo de Pádua está ligado ao que Mark Carey designa de história cultural. Ver: ALMEIDA, Jozimar Paes. *A extinção do arco-íris. Ecologia e história*. Campinas: Papirus, 1988; DRUMMOND, *O jardim dentro da máquina*, 1988; PÁDUA, *Natureza e projeto nacional*, p. 11-62.

¹⁸ STEPAN, Nancy Leys. *Picturing tropical nature*. London: Reaktion Books, 2011, p. 15.

esses poucos estudos encontramos o artigo dos geógrafos Rogério Ribeiro Oliveira e Rita de Cássia Montezuma, *História ambiental e ecologia da paisagem* e Pedro S. Urquijo Torres e Narciso Barrera Bassols, *Historia y paisaje. Explorando un concepto geográfico monista*. Revelam que o termo é utilizado com inúmeros significados, sendo o mais comum o de cenário:

“Como cenário, sua definição torna-se subjetiva, uma construção social. É dependente dos sentidos, o que para alguns significa distinção não apenas através da visão, como também do olfato, dos conceitos pré-concebidos, valores, cultura, posição social, religião, crença, gênero, enfim do arcabouço cognitivo de cada um”.¹⁹

Esses autores aludem especialmente a estudos em que o documento é a própria concretude visualizada: a mata, a serra. Adalmir Leonídio, em *Memórias em movimento: relatos de viagem e evolução da paisagem agrária na província de São Paulo (Brasil século XIX)*, outro pesquisador que se debruça sobre essa categoria científica e mostra os inúmeros significados com que é empregada, reflete, entretanto, sobre paisagens que nos chegam de segunda mão, por meio de um documento, uma descrição do visualizado elaborada em outra época. Fonte de dados com que expressiva quantidade de historiadores ambientais formados em História trabalha.

Entre os historiadores ambientais, especialmente entre aqueles que são formados em História, não é praxe esclarecer objetivamente o que o vocábulo *paisagem* está denotando. Preocupam-se em revelar o seu processo de formação e transformação. Em vários estudos publicados atualmente, embora não haja uma definição literal do termo, a coerência na sua utilização, as descrições elaboradas, os sinônimos utilizados evidenciam o que se busca representar. Entretanto, outros artigos, pelo tratamento ambíguo que ela recebe, sugerem o seu emprego como uma simples palavra. Uma situação que reflete, no caso do Brasil, uma tradição historiográfica. Se investigarmos alguns dos historiadores brasileiros da primeira metade do século XX, quando as descrições de paisagem compunham a narrativa historiográfica,²⁰ observaremos que *paisagem* era tratada como uma palavra com um sentido único e objetivo: a vista, o visualizado e não como uma ideia.

¹⁹ OLIVEIRA; MONTEZUMA, *História ambiental*, p.120.

²⁰ Por exemplo, Capistrano de Abreu em *Caminhos coloniais* e Caio Prado Júnior em *Formação do Brasil contemporâneo*. Obras estão referenciadas nas notas 10 e 11.

A geografia cultural e a antropologia têm publicado discussões muito interessantes sobre essa categoria científica nesse *boom* de estudos sobre paisagem.²¹ Contudo, essa literatura está vagarosamente sendo incorporada pela História ambiental latino-americana. Se a noção é central, uma vez que em expressiva parte dos estudos afirma-se investigar paisagens pretéritas e suas transformações, é imperioso esclarece-la.

Paisagem é um termo polissêmico. Os seus vários sentidos são abordados por sua história, muito bem retratada por Denis Cosgrove em *Social formation and symbolic landscape*.²² Um termo que surge, na Europa, associado no renascimento a um tipo de pintura e depois a uma forma de descrição na literatura, para, no século XIX, ser apropriado pela Geografia e transformar-se numa categoria científica. Conforme Marguerite Serge,²³ nessa formação da ideia, o estético e o subjetivo, a objetividade e a funcionalidade, ainda que contraditórios, sempre estiveram ligados a essa noção.

Marguerite Serje atenta para fato de que paisagem é uma categoria visual, Denis Cosgrove²⁴ informa que o termo surge, na Europa ocidental, ligado à visibilidade, e Raymond Williams²⁵ ressalta o afastamento do observador do objeto observado. Esse é um aspecto comum nos estudos: a paisagem é referenciada, num primeiro momento, como uma realidade percebida empiricamente pela visão, e externa ao observador. Daí que, entre os sinônimos mais utilizados, encontramos: *cena, panorama e imagem*.

Maria Tereza Duarte Paes Luchiari vê, justamente no fato de a paisagem ser apreendida como um fenômeno visual, a explicação para a sua ambiguidade. É encarada tanto como uma percepção objetiva do real – possibilita a sua leitura por um geógrafo ou ecólogo sem interferências externas, dos sentimentos ou da cultura - quanto subjetiva - a sua descrição engloba mais do que o sentido pelos olhos. Reproduzindo Luchiari:

“Desde o início, a apreensão da paisagem como fenômeno visível se colocou como o centro de um conflito entre objetividade (descrição de elementos concretos da fisiologia da paisagem que poderiam ser analisados investigado por qualquer geógrafo) e

²¹ Refiro-me, entre outros, a autores anglo-saxões como Denis Cosgrove, Stephen Daniels e Barbara Bender.

²² Ver também os artigos de: OLIVEIRA ; MONTEZUMA, *História ambiental*, 2010 e LEONÍDIO, *Memórias* .

²³ SERJE, *Ciencia, estética y cultura*.

²⁴ COSGROVE, Denis, *Social formation and symbolic landscape*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1998.

²⁵ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história da literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

subjetividade (descrição seletiva dos elementos da paisagem, conforme o interesse explicativo)”.²⁶

Antropólogos como a inglesa Barbara Bender,²⁷ cientistas que estudam sociedades periféricas ao sistema capitalista, criticam o uso do termo *paisagem* como um conceito universal que expressa uma relação com a terra, e que é mediada pela visão. O fato de inúmeras línguas não terem um termo semelhante, não implica que essas culturas não reflitam sobre a sua relação com a terra, e que essa relação seja unicamente marcada pela visão. Bender propõe que se pense paisagem como um processo que envolve memória e vários sentidos e que não seja pura apreensão do que há de concreto à frente. Oliveira e Montezuma, assim como, Urquijo Torres e Barrera Bassols também questionam que paisagem seja somente um fenômeno visual. Estes últimos afirmam que: “El paisaje es también una unidad física de elementos tangibles, visibles, olientes, audibles y degustables, que puede tener uno o vários significados simbólicos o lecturas subjetivas de fuerte raigambre estético y ético”.²⁸ Contudo, afora essa a discussão conceitual, não localizei trabalho empírico algum em história ambiental que fugisse à referência visual.

Predomina, portanto, entre os historiadores ambientais o enfoque da paisagem como um fenômeno visual e a tensão entre a sua objetividade e subjetividade. Mas cabe apontar que, dentro desse pequeno quadro, são inúmeras as abordagens. Se a quase totalidade trata paisagem como um fenômeno visual, dentre eles há aqueles que a reduzem à percepção; outros que a definem como a percepção e a materialidade e outros, ainda, concebem-na como a materialidade. Entre os que a enfocam como uma relação subjetiva com o real, diferentes são as mediações: o indivíduo, a cultura, o gênero, a classe. Aqueles que a definem como uma materialidade tratam de forma diversa a sua composição e dimensão.

Dentre os artigos em que paisagem é considerada como o percebido, selecionamos o texto de Regina Horta em *A sombra do ficus: cidade e natureza em Belo Horizonte*. Nele a autora revela como a

²⁶ LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. ‘A (re)significação da paisagem no período contemporâneo’ in ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 9-28.

²⁷ BENDER and WINER, *Contested landscapes*.

²⁸ URQUIJO TORRES; BARRERA BASSOLS, *Historia y paisaje*, p. 233.

visualização de um conjunto de materialidades – avenidas, árvores, matos ralos, cafuas, estas expressões das relações dos homens com o ambiente e entre si - é interpretada e significada por quem a visualiza a partir de seu cotidiano e de seu lugar social. É o olhar que transforma materialidades em paisagens, num conjunto que tem mais do que o real, concreto, visualizado.

A questão da autora não é o corte dos fícus em si, ou a sua infestação por inseto de origem sul-asiática, os tripes, ou o impacto ambiental ocasionado pela eliminação das árvores contaminadas - revelações que faz - mas o impacto afetivo, social e especialmente político do ato da prefeitura de Belo Horizonte sobre a avenida com suas árvores, imagem esta que havia sido transformada, na primeira metade do século XX, em um dos elementos identitários da classe média da cidade. Esta contemplava a avenida Afonso Pena sombreada pelas árvores como o símbolo da urbe. A avenida, afirma Duarte, era um local de memória.

Em *Cidades e sertões*, de Gilmar Arruda, *paisagem* é um conjunto de elementos concretos, visualizados; é tanto a percepção quanto o percebido. Essa imagem resulta, segundo ele, da leitura objetiva do espaço, filtrada pela subjetividade, pela cultura, pelos sentimentos. Portanto, paisagem é constituída por um conjunto de elementos: a floresta, os Andes ou o lago e seu entorno, bem como por desejos e representações:

“Sejam a floresta, os Andes, o lago Titicaca ou o Pampa, as paisagens, ou melhor, os espaços naturais assumiram em vários lugares significados simbólicos altamente mobilizadores das atitudes dos homens. Constituíram-se em fundamentos de identidades nacionais, explicação para peculiaridades culturais, formulação de utopias nacionais, legitimação para ação política, etc. (...) a delimitação física (...) não é um elemento importante na caracterização do elemento fundante das imagens. O que conta realmente é o que se quer ver, são os desejos projetados sobre a natureza”.²⁹

As paisagens são históricas e determinadas por uma série de particularidades culturais locais.

Gilmar Arruda se debruça sobre um tema muito caro para o Brasil: o sertão. Um termo que tem um papel na construção dos mitos identitários brasileiros, similar ao de *wilderness* para o norte-americano. Porém, um não é a tradução do outro, pois são conformados pelos projetos políticos

²⁹ ARRUDA, *Cidades e sertões*, p. 65.

nacionais. O sertão é uma paisagem, segundo Arruda, como a avenida Afonso Pena, com seus enormes fícus, é um lugar da memória.

Semelhante a Arruda, Claudia Leal Leon, em *Un puerto en la selva. Natureza y raza en la creación de la cidade de Tumaco 1860-1940*, paisagem é a apreensão visual do real, concreto como essa materialidade. Confunde-se com natureza. Nesse artigo, ela recupera o impacto da economia de exportação sobre a cidade e a mata, e a relação da cidade com a mata, este último o local de extração de seu produto de exportação. Analisa tanto as transformações concretas, construções, extração, ocupação, quanto as simbólicas: a cidade como civilização e a mata como selvageria.

A economia de exportação terá um impacto na cidade, possibilitando uma série de transformações quanto a suas construções e infraestrutura, que servia a uma pequena elite local. Entretanto, a extração do taguá, uma semente que dá em palmeira e é coletada, sem a necessidade de destruição de árvores, por uma população negra e escrava, causou pequena perturbação na mata. Revela, porém, que as paisagens da cidade e da mata eram significadas de forma diversa pelos dois grupos sociais, apesar de ambas estarem ligadas pela comercialização do taguá. É que as representações sobre a paisagem relacionavam-se à questão racial. Seria como se elas se amalgamassem com as representações sobre as raças. As matas eram selvagens, assim também o eram os seus habitantes, os negros, na visão de uma elite cidadina:

“Las nociones de que la ciudad es opuesta a la selva y que la gente negra pertenece a esto ultimo ambiente imprimieron a la ciudad un carácter particular. Ante los ojos de la elite, a naturaleza selvaje de la selva entraba a Tumaco a través de la presencia de los negros, que conformaban la mayoría de la población del puerto. El desprecio y la exasperación con la música y los bailes de gente negra ejemplifican las contradicciones inherentes al proyecto urbano de las elites. Estas soñaban con tener una ciudad en las selvas del Pacífico colombiano, porque la naturaleza y el trabajo de la gente negra subsidiaban y permitían el comercio de la tagua. Sin embargo, concebían a su ciudad en oposición tanto a los bosques, como a la supuesta naturaleza de estos trabajadores. Con el o negaban y ocultaban las fuerzas que facilitaban sus aspiraciones urbanas. El pensamiento racial y las ideas sobre lugares urbanos revelan mucho sobre la relación que diferentes sociedades tienen con la naturaleza, porque las ciudades suelen ser pensadas como los ambientes más anti-naturales y las características raciales suelen ser consideradas naturales”.³⁰

³⁰ LEON, *Un puerto en la selva*, p. 60.

Enfim, demonstra as associações entre natureza e raça em Tumaco e a construção de uma ideologia que desqualificava justamente o lugar, a mata, e os trabalhadores responsáveis pela riqueza da cidade.

Constata-se nos trabalho acima a influência de intelectuais como Raymond Willams, Keith Thomas, Simon Schama, nomes ligados à História e aos estudos culturais. Nesse caso, *paisagem* é percepção, mas também, para alguns, o percebido. A recuperação das representações que informam e dão sentido ao visualizado, que revelam o modo de ver, aquilo que se quer ver e o que se encobre, evidenciada nesses estudos, não nega a existência das matas, cidades e campos visualizados, contudo mostram que os homens estabelecem com eles uma relação que só ilusoriamente é objetiva.

Outro enfoque de paisagem como percepção e o percebido é apresentado por Juan Manuel González em: *Una aproximación al estudio de la transformación ecológica del paisaje rural colombiano: 1850-1990*. O autor defende a tese de que a imagem desejada para o campo colombiano na segunda metade do século XIX resultou na transformação da paisagem ecológica rural. Entende-se pelo artigo que *paisagem* é um conjunto de elementos concretos, uma materialidade, enquanto o visualizado designa sempre uma imagem. O objetivo do autor é justamente mostrar como a ideologia interfere na própria relação dos homens com o meio ambiente, determinando uma forma de apropriação e exploração da terra. A paisagem é a expressão material de uma ideologia.

Nesse artigo de González, a paisagem, é entendida como o espaço físico, transformada a partir de um projeto político, expresso também numa imagem, no que se quer visualizar. É resultado de uma ação política. Não há uma interferência do subjetivo, deformando o visualizado, mas há a prática de se dar uma forma particular ao espaço físico.

German Palacio, em *El papel del Derecho en el cambio material y simbólico del paisaje colombiano 1850 – 1930*, estuda como o direito interfere no processo de transformação da paisagem colombiana de meados do século XIX até inícios do século XX, quando a terra passa a ser encarada como um bem privado, equivalente a mercadoria, e comercializada. O próprio título afirma a paisagem

enquanto símbolo e materialidade, porém, diferentemente de muitos autores que estudamos, a paisagem é concebida como uma relação subjetiva com a terra enquanto forma de apropriação e não enquanto um cenário ou uma vista. Uma relação simbólica em que os homens passam a perceber a terra como um bem privado, equivalente a capital. E uma relação material em que as grandes propriedades se impõem, são cercadas e demarcadas, interferindo concretamente no espaço físico. Neste último há a interferência de elementos visuais.

Um ponto interessante nesse artigo de Palacio é a comprovação de que as transformações simbólica e material não são necessariamente simultâneas. O autor indica que, nas zonas de colonização espanhola antiga do atual território colombiano, o processo foi simultâneo. Porém, nas zonas de fronteira, o simbólico se adiantou ao material: primeiro a terra foi privatizada e só tempos depois sua forma de exploração foi transformada.

Esses pesquisadores partem, por um lado, de toda uma discussão promovida pela História social e cultural, especialmente sobre as mediações entre a relação dos homens e as sociedades com o real, concreto, características do final do milênio, que substituiu o *homo aeconomicus* pelo *homo symbolicus*.³¹ Essas concepções vêm no bojo de toda uma discussão sobre o simbólico e sobre as representações sociais.

Graciela Zuppa, em *Construcciones y representaciones en los nuevos escenarios de la naturaleza costeira: Mar del Plata Norte em sus orígenes*, investiga as relações dos homens com a natureza marinha. Centra-se particularmente nas origens da extensão norte de Mar del Plata. Como Palacio, analisa a paisagem enquanto símbolo separado dela como materialidade. Mas discute o que significava o mar e a praia e descreve a transformação urbana, as obras e projetos arquitetônicos e urbanísticos que interferiam na natureza, criando uma paisagem. Trata, portanto, de paisagens diversas: a praia e a cidade.

³¹ Ciro Flamarion Cardoso fala na substituição do *homo aeconomicus* pelo *symbolicus* na pesquisa historiográfica, afirmando o recuo de uma visão materialista do mundo que permeava tanto o marxismo como os *Annales* até a década de 70, e o avanço das análises que reconheciam a importância da cultura na interpretação dos fenômenos histórico-sociais. CARDOSO, Domínios da história, p. 1-23.

O conjunto composto por essas materialidades - a paisagem, segundo a autora - possibilita uma leitura. Ou seja, nesse segundo caso, a afirmação da leitura da paisagem pressupõe a possibilidade de o procedimento científico acontecer sem intermediações. O artigo sugere uma separação entre a paisagem como natureza visualizada e a paisagem como o homem a representa.

Reinaldo Funes Monzote, em *Azúcar, deflorestación y paisajes agroindustriales em Cuba, 1815-1926*, reproduz uma discussão que está em seu livro *De los bosques a los canaverales Una historia ambiental de Cuba 1492-1926* e, portanto, a noção de paisagem que o atravessa. Enfoca paisagem como um cenário, a imagem de um conjunto de elementos naturais. Não se confunde com natureza e meio ambiente. Esse conjunto é percebido diretamente, sem mediações.

“Cuba ocupa el cuarto lugar entre los países del Nuevo Mundo que más han sufrido la transformación de la naturaleza por la acción del hombre. Una imagen del efecto de los monótonos paisajes cañeros la podemos ver en lo escrito en la década de 1830 sobre las impresiones de su paso por Guines por Jacinto de Salas y Quiroga”.³²

O foco de Funes são as formas de ocupação e exploração da terra e não a imagem produzida por elas. Mostra que, num contexto geral da revolução industrial, e particular de avanços tecnológicos na produção açucareira de Cuba em que se observou o direito absoluto de proceder ao desmatamento por parte da elite cubana, houve a expansão das plantações sobre regiões de matas. Essas foram apropriadas privativamente no processo de expansão da lavoura não só em razão de seus solos férteis, como devido à possibilidade de exploração e utilização das madeiras.

Pablo Camus Gayan em *Los bosques y la minería del Norte Chico, s. XIX. Un mito El la representación del paisaje chileno* trata a paisagem como uma concretude visualizada, sendo esta formada pelo conjunto de elementos naturais: as matas, os arbustos. Essa percepção é direta, sem mediações, daí ser o objetivo do artigo “reconstruir el paisaje específicamente los bosque em relacion com las tierras despejadas em el siglo XVIII y principios del XIX (...) la idea es conocer como se percibió el paisaje de la región antes del período de expansión minera”.³³ Demonstra que reconstruir paisagens pretéritas está longe de se reduzir à reprodução direta de uma descrição. Os conflitos políticos que

³² FUNES, *Azúcar, deflorestación y paisajes*, p. 127.

³³ GAYAN, 2004, p. 289.

contextualizam os documentos dissimulam a memória, perpetuam esquecimentos. Diferentemente, seja do artigo de Regina Horta ou de Gilmar Arruda em que a percepção carrega uma subjetividade, no caso de Gayan, o engodo está no esquecimento.

Reconstrói a paisagem do Norte Chico (compreende as regiões de Coquimbo e Atacama) no século XVIII para mostrar que se tratava, já naquela época antes do desenvolvimento da mineração, de uma área semiárida, ao contrário da tese existente que o desmatamento aconteceu no século XIX em razão da outorga aos mineiros do direito de reivindicar as matas para uso. Através da comparação de descrições da região feitas no início do século XVIII com relatos do século XIX comprova que persiste no imaginário chileno uma imagem equivocada, resultado do conflito entre mineradores e agricultores para definir a propriedade de bosques mas que se encontravam mais ao sul.

Marcos Lobato Martins, em *O Jequitinhonha dos viajantes, séculos XIX e XX. Olhares diversos sobre as relações sociedade – natureza no nordeste mineiro*, define paisagem como: “determinado domínio terrestre que comporta dimensões de homogeneidade e diferenciações, resultante de interações entre atributos naturais e dinâmicas histórico-culturais”.³⁴ Paisagem para ele é essa materialidade visualizada e recortada pelo cientista, embasado em determinadas características naturais. Ou seja, paisagem não se resume a qualquer vista. É ela que ele estuda, a sua transformação a partir de textos de memorialistas e viajantes. Está interessado nos elementos materiais que visualizam. A percepção não é mediada pela cultura: “o espetáculo que oferece aos olhos do viajante era distinto conforme fosse tempo de chuva ou seca”.³⁵

Em seu artigo o historiador se debruça sobre as transformações ocorridas nas caatingas e matas virgens do médio Vale do Jequitinhonha ao longo do século XIX e início do XX. Informa que, nesse período, mudanças foram muito rápidas, fortalecendo a tendência de pecuarização na economia do local.

Uma perspectiva totalmente diversa das apresentadas até agora encontra-se no artigo de Rogério Ribeiro de Oliveira e Carlos Engermann, intitulado *História da paisagem e paisagem sem*

³⁴ MARTINS, *O Jequitinhonha dos viajantes*, p. 709

³⁵ *Ibid*, p. 713

História: a presença humana na Floresta Atlântica do sudeste brasileiro. Os geógrafos defendem a posição de que a Mata Atlântica pode ser encarada como um documento histórico, semelhante a um testemunho escrito, contendo resquícios da vida pretérita das populações tradicionais. Como esta síntese do artigo evidencia, a atenção dos autores está em encontrar um sentido para os restos de carvão, de construções, enfim de materialidades para retratar usos pretéritos da natureza. Distancia-se dos historiadores já retratados aqui que descrevem e discutem paisagens a partir de fontes escritas ou orais principalmente.

Concebem paisagem como uma concretude,

“(...) uma estrutura espacial que resulta da interação entre os processos naturais e atividades humanas. Ao associar ações passadas e presentes, a paisagem constitui-se uma categoria de espaço que é um produto da coevolução das sociedades humanas e do meio natural ou, ainda, uma manifestação espacial da relação homem-ambiente”.³⁶

A Mata Atlântica é uma paisagem que revela uma sociedade, seus aspectos materiais e simbólicos. Nesse conjunto, a Mata Atlântica, a paisagem pode ser lida como um documento:

“A floresta Atlântica, tal como a conhecemos hoje, pode ser interpretada como um documento histórico que potencialmente evidencia e descreve – em numerosos de seus atributos – a resultante da interação de seres humanos com o ecossistema”.³⁷

Pedro Urquijo Torres e Narciso Barrera Bassols, geógrafos, escreveram um artigo recuperando a história do conceito *paisagem*, localizando a sua origem na Europa renascentista. Na sua formação, esse vocábulo em várias línguas implicava na união da natureza à sociedade. Fato que contrasta com o que se observou quando houve a apropriação científica da paisagem nos séculos XIX e XX. Nesse momento, algumas linhas interpretativas isolaram natureza da sociedade.

Os autores propõem, como esclarece o título do artigo, que paisagem deve ser entendido como um conceito holístico, reconhecendo-se assim as múltiplas influências dos processos naturais e humanos. Conforme afirmam:

“Como hemos visto, el paisaje no es la adición de elementos geográficos dispersos; es una unidad geográfica holística, definida mediante un proceso homeostático de sus componentes biofísicos y socioculturales (...) Como unidad monista territorializada, el

³⁶ OLIVEIRA; ENGERMAN, *História da paisagem*, p. 17.

³⁷ *Ibid.*, p. 12.

paisaje requiere ser visualizado bajo la óptica de quien lo produce y reproduce, lo innova, lo sueña o imagina, lo goza y lo sufre – los locales -, y de quienes lo estudian o interpretan desde afuera o de aquellos que intentan dominarlo sin constituir parte de él (...) El paisaje es (...) que muestra la intervención cultural de distintas colectividades humanas en el devenir; la imposición y superposición de valoraciones éticas y connotaciones estéticas em el médio”³⁸

Os enfoques aqui tratados poderiam ser sintetizados em três posturas que já foram apontadas anteriormente: paisagem como percepção, como percepção e materialidade e, finalmente como materialidade. Contudo, pode-se avançar mais e afirmar que os usos do termo paisagem induzem à concepção de que seja, como percepção ou o percebido, a expressão material e abstrata da relação do homem com a terra e, para alguns, revela também as relações dos homens entre si. Ler a Mata Atlântica, assim como fixar determinadas paisagens como lugares de memória, é expor a singularidade dessas relações.

Concordamos com Chantal Blanc-Pomard e Jean-Pierre Raison³⁹ quando afirmam que devemos explicar o que se entende por paisagem. A polissemia desse vocábulo, sua incompatibilidade com definições herméticas são comprovadas por sua história. Contudo, devemos atentar para o fato de que investigamos paisagens diversas. Uma nos chega diretamente pelos olhos, outra por uma representação pictórica, fotográfica, numérica ou escrita, elaborada por pessoas ou instituições que podem nos ser contemporâneas ou estarem distanciadas há mais de século de nossa atualidade.

A História ambiental é um campo que se propõe como interdisciplinar. Os diferentes acadêmicos que pesquisam a relação do homem com a terra numa perspectiva diacrônica estão, na sua grande maioria, treinados para trabalhar com determinados tipos de testemunhos. A História tinha os documentos escritos como a sua fonte de pesquisa até a segunda metade do século XX. No último quarto do século, buscou novas fontes com o apoio de outras ciências como a Antropologia. A memória oral, a fotografia, o cinema, o patrimônio histórico, a cartografia e a literatura foram concebidos como documentos históricos e toda uma discussão metodológica sobre seu uso e interpretação foi

³⁸ URQUIJO TORRES; BARRERA BASSOLS, *Historia y paisaje*, p. 246.

³⁹ BLANC-POMARD; RAISON, *Paisagem*.

desenvolvida. É com base em documentos escritos e nessas novas fontes que o historiador tem pesquisado paisagens pretéritas.

Os estudos da Geografia, da Arquitetura e da Arqueologia em geral remetem a um objeto que não é intermediado pelo documento. Entre o historiador e a paisagem retratada está o cronista com seu tempo e lugar e o próprio pesquisador com sua historicidade, visões de mundo, que condicionam o que se enxerga e o que não se nota. A percepção do mundo é transformada pela intervenção e pelos olhos do cronista, reelaborada entre o ato de ver e sentir e de transcrevê-la no papel. No geral, a História acaba trabalhando com os apontamentos e a memória de um espaço geográfico, de uma árvore ou de um rio. São raros os casos em que o ver é acompanhado simultaneamente do escrever ou do pintar. E, ao analisar esse quadro, o próprio historiador não deixa de projetar sobre ele memórias, estruturas de percepção do espaço ideologicamente determinadas e questões de seu tempo, que obscurecem a apreensão de formas diversas de relação com o espaço físico.

Pesquisamos documentos que apresentam de variadas formas – desenhos, descrições, fotografias - o espaço visualizado e percebido. Este pode ser designado ou não de *paisagem* pelo autor do documento e classificado como tal. Pode ser o produto de uma observação distanciada, externa ao cenário, como no caso dos cientistas que viajaram pelo Brasil a partir do final do século XVIII e relataram, para um público ansioso por imagens de uma natureza desconhecida, o que viam. Pode ser o relatório de um técnico do século XX, que, munido de um plano previamente elaborado, descreveu um perímetro delimitado de terra. Pode ser o resultado de uma prática; o roteiro de viagem de um sertanista pelos sertões dominados pelas sociedades indígenas no século XVIII, que busca distinguir, no visualizado, indícios de outras formas de relação com o espaço. Ou ainda pode ser um documento elaborado numa época em que o imaginário e a tradição se confundiam com a realidade, como no caso das crônicas coloniais e cartas jesuíticas. Em testemunhos tão diversificados, entretanto, pode-se apontar um elemento em comum: eles nos apresentam um olhar instruído pela cultura européia, que procura se assenhorar abstratamente da natureza e da terra, que se quer apossar fisicamente ou transformar.

Analisamos, portanto, testemunhos que descrevem paisagens contempladas a distância; outros que interagem com elas. Representações que se transformam no tempo e espaço. Mas, no geral o historiador latino-americano só consegue investigar a percepção do espaço de uma diminuta parte da população: a que deixou documentos escritos. No máximo, consegue entrever de forma indireta, a partir de processos inquisitoriais ou policiais, indícios de outros modos de ver e - quem sabe? - de sentir o mundo material, dos índios, dos africanos e da população pobre e iletrada.

Enfim, investigar e descrever paisagens pretéritas a partir de um documento, seja em qual suporte for – escrito, fotográfico, cinematográfico ou cartográfico - é ter em conta que ela nos chega por meio de uma representação. Este é o ponto de partida necessário para começarmos a refletir sobre nosso objeto: a paisagem.